

## **INTERVIR EM PAISAGENS CULTURAIS EVOLUTIVAS. A arquitectura do vinho no Alto Douro Vinhateiro.**

**Maria Alexandra Martins Soares de Amorim**

Universidade Lusíada do Porto – CITAD, Centro de Investigação Território, Arquitectura e Design  
Professor Doutor Horácio Bonifácio  
aamorim@por.ulusiada.pt

### **RESUMO**

Este trabalho tem como âmbito de estudo a realização de uma reflexão em torno da relevância que assume o património vernacular para a manutenção dos pressupostos subjacentes à classificação das paisagens culturais evolutivas pela United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO), definindo como amostra as intervenções humanas sobre a paisagem, destinadas à produção de vinho, no contexto da região do Alto Douro Vinhateiro.

Palavras-chave: Património Vernacular, Paisagens Culturais Evolutivas, Intervenções no Alto Douro Vinhateiro.

### **ABSTRACT**

This investigation work reflects on the relevance that takes the vernacular heritage for the maintenance of the assumptions underlying the classification of evolutionary cultural landscapes by United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO), setting to sample human interventions on the landscape, for the production of wine in the context of the Alto Douro Wine Region.

Keywords: Vernacular Heritage, Evolutionary Cultural Landscapes, Interventions in the Alto Douro Wine Region.

## 1 IDENTIFICAÇÃO DO OBJECTO DE TRABALHO



**1. Douro Vinhateiro**  
Fotografias da autora

Considerando que as paisagens culturais evolutivas reflectem a interacção entre o homem e o seu ambiente natural ao longo de diversas gerações, constituindo um arquivo vivo que integra identidades tangíveis e intangíveis, é nosso entendimento que as paisagens inscritas na World Heritage List não devem ser encaradas apenas como sítios excepcionais a preservar mas, também, como um modelo de inspiração para uma conservação sustentada da harmonia e do equilíbrio do planeta.

Com a intenção de proteger estes sítios, criando a designação de paisagem cultural, o Comité do Património Mundial da UNESCO pretendeu contornar as limitações decorrentes das classificações até então existentes, criando uma classificação de âmbito integrador que ultrapassasse a clássica distinção entre o património natural e o património cultural, através da qual se limitava separadamente a acção de protecção às espécies naturais ameaçadas e aos locais ainda não manipulados pelo homem, por um lado, e os actos de preservação aos monumentos construídos, por outro.

De entre estas categorias, o Alto Douro Vinhateiro insere-se na de paisagem cultural evolutiva, “(...) *no sentido da contínua transformação em função das novas tecnologias, mas centrada em saberes, técnicas, costumes, rituais, hábitos e crenças das populações locais.*” (Sousa, 2007:19)

Ora, a motivação para a escolha do estudo de caso adveio precisamente de nos havermos apercebido da existência de uma revolução qualitativa no que respeita à produção de vinho, que teve como consequência a necessidade de integrar inovadores sistemas em criativos espaços funcionais, fazendo emergir uma nova arquitectura, traduzida quer na reformulação e expansão dos espaços edificados existentes, quer na construção de novas estruturas.

Esta realidade, aliada a um novo emolduramento social e cultural em torno da indústria do vinho, fez com que se introduzisse no espectro da arquitectura contemporânea, simultaneamente um novo programa - abraçado por conceituados arquitectos - e o desafio de, uma vez mais, a arquitectura se constituir como um dos símbolos na promoção de uma identidade que, neste caso, tanto se refere ao produto vinho como à região.

Como se verificará, também no Alto Douro Vinhateiro têm surgido novas práticas produtivas e, conseqüentemente, novos edifícios, novas estruturas complementares e novas técnicas de plantio da vinha, que não estão dissociados de um modelo que pretende conciliar um progressivo incremento da qualidade do vinho produzido com a sua promoção comercial e divulgação turística.

Considerando que um dos aspectos mais relevantes do conceito de paisagem cultural é precisamente a definição daquilo que a torna única - ou seja, a definição da sua identidade - e de que inerentes à alteração dos paradigmas em torno do produto vinho se encontram forçosamente reinterpretações respeitantes aos espaços vinícolas e aos métodos de produção, depreendemos que os pressupostos identitários desta região podem encontrar-se ameaçados.



**2. Transportando o sulfato**

Álvaro Cardoso de Azevedo (Casa Alvão), Coleção Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I. P



**3. Poda**

Nesta perspectiva, também o património construído vernacular, designação adoptada na Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial para caracterizar os aglomerados e quintas, as casas de habitação e os anexos de produção, os terraços de vinhedos, os olivais e os caminhos, reflecte distintas formas de acção do homem sobre o território, realizadas ao longo do tempo.



**4. Quinta de Roriz**

Fotografias da autora



**5. Quinta do Vallado**

Por tal, o estudo da paisagem do Alto Douro Vinhateiro não pode ignorar a necessidade de considerar também este património, bem como a relação sistémica que se encontra estabelecida entre o conjunto de elementos que o caracterizam.

A este propósito, refere-se no texto da Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial “ O património vernacular construído do Douro, ainda parcialmente por estudar, tem diante de si um longo caminho que deverá ser percorrido com brevidade para que as transformações do presente não anulem por completo os vestígios materiais do que já foi a região.” (Aguiar, 2000: A1)

Porém, tomando em consideração o facto de estarmos perante “(...) uma paisagem cultural evolutiva e viva não podemos ficar reféns de um complexo de “Arca de Noé”, de tudo querer preservar e arrecadar como se pudéssemos reter um tempo fugidio e ideal.” (Aguiar, 2000: A1)

Este aparente paradoxo entre a importância da conservação e a inevitabilidade de enquadramento das mudanças decorrentes do desenvolvimento tecnológico, social e cultural reflecte a vulnerabilidade da paisagem, sobretudo quando, como já referimos, as novas exigências produtivas tornam as estruturas existentes desadequadas, podendo levar a uma atitude simplista de construção sucessiva de novas instalações e introdução de novas práticas produtivas, acarretando, conseqüentemente, o abandono, destruição ou desajustamento funcional das antigas.



## 6. Armazéns de vinho abandonados

Fotografias da autora

Assim, pretendemos demonstrar que o estudo do património vernacular, neste caso particular das quintas do Douro, pode assumir-se como “(...) *uma lição de qualidade e adaptação às condições do meio, de saber construir ligado à paisagem, aos homens e às suas necessidades funcionais, evitando a ameaça à diversidade que constitui a mundialização da economia e da cultura*” (Aguiar, 2000: A2), aplicável também nas novas intervenções, quer sejam resultantes de uma reconversão de pré-existências quer sejam projectadas e construídas de raiz.

Também Llano, no seu trabalho de investigação sobre as construções populares da Galiza, se refere precisamente a este papel de contínua referência para os projectistas contemporâneos que entende estar inerente a uma arquitectura sem arquitectos, denominação que utiliza para caracterizar o património vernacular galego. (Llano, 1996)

Pelo facto de se encontrar intimamente relacionada com a população que a constrói e a habita, esta arquitectura traduz o seu carácter e assume-se frequentemente como um prolongamento da paisagem onde se insere, representando, por isso, de acordo com o texto da Carta sobre o Património Construído Vernáculo de 1999, um dos mais importantes sinais de identidade de uma região.

Concordando com estas correntes de pensamento é, pois, em idêntica perspectiva que se coloca o objectivo do nosso trabalho, ou seja, na de que o estudo do património vernacular do Alto Douro Vinhateiro pode contribuir para o estabelecimento de uma sintonização entre os valores identitários, materiais e imateriais, desta região e aqueles que se encontram subjacentes às intervenções contemporâneas.

## 2 EXPLICITAÇÃO DA HIPÓTESE

De acordo com os debates que em torno do tema das paisagens a comunidade científica internacional tem realizado, podemos afirmar que a sua variedade e a sua complexidade não devem ser encaradas como impedimentos para a criação de fóruns de estudo mas, sim, como aspectos positivos e motivadores, uma vez que sugerem e permitem uma grande multiplicidade de abordagens e a integração de conhecimentos de distintas proveniências.

Destes encontros destinados à discussão das proposições e conclusões obtidas por diversos investigadores sobre o tema das paisagens, suscitaram-nos curiosidade as conclusões do workshop que acerca do património cultural, sob o tema Cultural Heritage in Changing Landscapes, decorreu durante a IALE (International Association for Landscape Ecology) European Conference que se iniciou em Estocolmo, na Suécia, em Junho de 2001, e terminou na Estónia em Julho do mesmo ano.

De facto, deste workshop emanaram diversas questões, colocadas tanto pelos investigadores participantes como pelos responsáveis pelo património cultural, de que se salientam as seguintes:

- Podem as paisagens ser caracterizadas?
- É possível determinar uma tipologia para as paisagens e, se sim, pode esta tipologia ser aplicada independentemente das fronteiras regionais ou nacionais?
- E no que concerne aos aspectos *não-visuais* das paisagens, como são incorporados na percepção e categorização que delas realizamos?

- Têm as paisagens continuidade e, se sim, quem dela se apercebe?
- Até onde nos é possível perceber uma paisagem?
- Aquilo que é observável e perceptível numa paisagem é compreendido da mesma forma por todos?
- Ou será que o conhecimento e a experiência individual determinam a nossa literacia sobre a paisagem e, por tal, condicionam a importância que atribuímos a determinados *layers* dessa paisagem?
- Quando nos referimos à preservação da paisagem, qual se pode considerar a *paisagem autêntica*, perante a qual devemos monitorizar o sucesso das nossas acções e decidir os aspectos que legitimamente devemos preservar?
- E, por fim, quem deve realizar decisões sobre a modificação das paisagens?

Na verdade, de acordo com Widgren (2003:1) a investigação em torno das paisagens deve considerar quatro aspectos essenciais, designadamente os requisitos de ordem formal, de ordem funcional, de ordem processual e de ordem contextual.

Segundo as suas palavras, estes aspectos não devem ser estudados separadamente uma vez que os requisitos de ordem formal detectáveis numa dada paisagem adquirem um significado determinado a que não são alheias as especificidades do contexto para o qual, por sua vez, contribuíram os requisitos de ordem funcional e processual.

Esta abordagem integrada assume uma significativa importância pois, na generalidade, as decisões relativas à preservação de uma determinada paisagem tendem a induzir a uma escolha entre a reabilitação dos processos que estiveram na base da sua formação ou a tentativa de *restaurar* o seu estado e a sua aparência.

Porém, se este *restauro* pode ser possível, já o restabelecimento do contexto e dos requisitos funcionais em que se deram os processos que estiveram na génese da formação da paisagem se revelam muito mais difíceis de alcançar.

Neste sentido, podemos formular um conjunto de novas questões relacionadas com a necessidade de preservarmos paisagens vivas com formas, funções e processos nos contextos adequados ou, por outro lado, ponderar se a gestão do património cultural se deve dedicar à criação de *paisagens museu*, onde se encontram salvaguardadas a forma ou a função mas não o contexto.

Cabe, ainda, reflectir sobre se será possível salvaguardar as paisagens culturais perante novos contextos, face aos quais as razões que estiveram na sua génese tendem a desaparecer ou já se extinguíram ou, até, se será viável encontrar inovadores mercados ou outros mecanismos de mudança com o objectivo de criar contextos que permitam a geração de novas e valorizadas paisagens que integrem os pressupostos que originaram a vontade de preservação.

Esta reflexão transporta-nos para uma mais profunda abordagem que com ela se relaciona, pois é inegável o facto de as paisagens terem um papel na formação de identidades locais, regionais e nacionais. No entanto, não será legítimo questionar a quem pertence esta identidade? Pertencerá àqueles que vivem naquele território há gerações, a grupos minoritários que nele encontram inovadores modos de vida ou ainda àqueles que dele usufruem durante uns dias de lazer e depois partem?

Perante todas estas perguntas, podemos induzir que se o estudo das paisagens constitui um desafio para todos aqueles que a ele se dedicam, a possibilidade de existirem interfaces entre as diferentes abordagens passíveis de serem realizadas sobre este tema parece ser uma realidade.

No caso específico da paisagem cultural evolutiva do Alto Douro Vinhateiro, e mais precisamente quanto ao estudo do seu património vernacular, as interfaces que pretendemos abordar respeitam às que se dão entre culturas, entre o passado e o presente, entre tempo e espaço e, por último, entre preservação e uso.

A interface entre culturas relaciona-se com os diferentes modos de percepção e interpretação da paisagem e, conseqüentemente, com o significado simbólico que este mesmo território tem vindo a assumir para indivíduos de distintas culturas, associando-se, por isso, a diferentes momentos políticos, económicos e sociais.

Já a interface entre o passado e o futuro se debruça sobre a dinâmica temporal, aspecto que assume uma grande relevância no entendimento da paisagem em causa, uma vez que as suas características actuais

detêm reminiscências de vários períodos anteriores, representando o resultado de um processo continuado da acção do homem sobre as condicionantes naturais.

A interface entre tempo e espaço relaciona as alterações no desenho e no planeamento da paisagem com a época e os acontecimentos que as contextualizam temporalmente.

Por último, a interface entre preservação e uso constitui um dos maiores desafios relativos ao planeamento e à gestão deste território, gerando algumas das questões mais prementes que se nos apresentam actualmente face às paisagens culturais evolutivas, isto porque parece ser consensual que estas não devem ser assumir um carácter museológico mas, sim, integrar os novos modos de vida das suas populações.

Perante esta constatação, levanta-se a dúvida sobre os procedimentos a adoptar para preservar os valores tradicionais, o que coloca, por outro lado, uma nova questão em torno dos instrumentos que nos permitem identificar a autenticidade desses mesmos valores, uma vez que frequentemente as memórias intrínsecas de uma população correspondem a um ideal caracterizado por aspectos afectivos de grande subjectividade. Porém, não devemos esquecer que estes valores, pese embora a dificuldade do seu levantamento e da sua preservação, integram os pressupostos de uma identidade que tende a perder-se perante uma globalização que uniformiza as paisagens de todo o mundo.

### **3 ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO**

Conscientes de que o tema da paisagem tem sido alvo de abordagens provenientes de uma multiplicidade de áreas do conhecimento, tentamos direccionar primeiramente a nossa investigação e reflexão para as questões que actualmente envolvem as paisagens culturais classificadas pela UNESCO, incidindo sobretudo nos aspectos que se relacionam com a sua transformação e a sua preservação.

Das leituras realizadas sobre o tema das paisagens culturais classificadas, depreendemos que a investigação sobre os processos de intervenção e de preservação do seu património material e também imaterial - embora este último seja mais descurado - incide fundamentalmente sobre paisagens cujo carácter é essencialmente urbano.

Neste contexto particular, a alusão ao papel do arquitecto e a ponderação sobre os efeitos da sua actuação é mais frequente, pois a sua acção sobre o espaço público e sobre os edifícios assume, perante este enquadramento, uma maior visibilidade e foi, ao longo do tempo, mais debatida.

Por tal, identificamos como uma lacuna de investigação a reflexão em torno do impacto perpetrado pelas novas intervenções sobre os requisitos de natureza tangível e de natureza não tangível que concorrem para a classificação das paisagens culturais, sobretudo quando o enquadramento não é uma paisagem de características urbanas.

Nesta perspectiva, adoptamos como estratégia de investigação o estudo de caso, uma vez que o tipo de pesquisa a efectuar pretende descrever fenómenos que ocorrem num contexto real.

Neste sentido, numa primeira fase, relacionada com a contextualização teórica do tema, os dados foram essencialmente escritos e representaram uma recolha em torno dos debates efectuados e dos artigos publicados pelos investigadores representativos das correntes de pensamento dedicadas à intervenção nas paisagens culturais.

De seguida, tomaram-se em consideração estudos já realizados em torno do levantamento e análise do património vernacular com o objectivo de compreender de que forma poderia esta forma de catalogação de base operativa auxiliar o enquadramento destes elementos no contexto da actualidade, não só na qualidade de testemunhos do passado, mas também como lições a ponderar nas intervenções que sobre este território se estão a realizar.

Subsequentemente houve necessidade de caracterizar a paisagem do Alto Douro Vinhateiro, designadamente no que respeita aos aspectos que contribuíram para a sua classificação como Paisagem Cultural Evolutiva pela UNESCO e ao património vernacular que a caracteriza.

Neste ponto de desenvolvimento do trabalho, a recolha de dados não se limitou, porém, à análise bibliográfica e documental, implicando que no momento subsequente ao da interpretação da bibliografia passiva e em simultâneo com a análise dos registos desenhados das novas edificações fornecidos pelos seus autores, se efectuasse uma aproximação directa à paisagem real e mais precisamente aos seus elementos caracterizadores.

Por tal, a recolha de dados passou também pelo reconhecimento pessoal do território, com o objectivo de serem apreendidas relações espaciais e contextuais que os registos escritos e gráficos referidos não conseguiam por si só traduzir.

Este reconhecimento encontra-se representado através de fotografias e desenhos esquemáticos que demonstram os pontos de vista que no âmbito do campo de análise do trabalho assumiram relevância, sendo por isso detectável uma intencionalidade previamente determinada que direccionou a recolha destes dados.

Considerando que a comparação constituiu a principal ferramenta de análise, assumimos, ainda, como relevante a realização de um enquadramento teórico que permitisse compreender as alterações de paradigma respeitantes à cultura vinícola que forçosamente estabelecem um antes e um depois no que respeita às técnicas de produção e aos elementos edificados - e mesmo até aos não edificados - que pontuam a paisagem objecto de estudo.

Ao iniciarmos a recolha de dados escritos sobre os temas que consideramos de maior relevância para a investigação que nos propusemos realizar deparamo-nos, face à multiplicidade de abordagens encontradas que pareciam poder contribuir qualitativamente para o sucesso do nosso trabalho, com a necessidade de criar distintos grupos de análise que tornassem mais operativo o seu estudo.

Assim, inicialmente, dado que a unidade de análise é uma paisagem, identificamos diversos autores cujos trabalhos sobre a interpretação e avaliação crítica em torno das questões relativas às paisagens nos parecia relevante.

Neste sentido, estudámos primeiramente a caracterização que o geógrafo Orlando Ribeiro (1993) realiza do território português, uma vez que este espólio documental nos permitiu compreender os factores físicos, económicos, sociais e culturais que concorrem para a especificidade da região do Alto Douro Vinhateiro.

De seguida, dedicámos a nossa atenção aos estudos que teorizam sobre as diferentes escalas de intervenção sobre o território e reflectem acerca das consequências destas mesmas intervenções. Neste âmbito, tomou-se em consideração o trabalho de síntese realizado por Cardielos (2009) ao percorrer os principais campos de debate sobre o tema da paisagem. Partindo da condição multidisciplinar do objecto de estudo, este autor realiza aquilo que denomina de estado da arte em alguns dos principais campos de investigação sobre a paisagem, debruçando-se sobre a linguística, a geografia, a expressão artística e, por último, o design e a concepção arquitectónica.

Na sua perspectiva, a arquitectura não pode continuar a ignorar a paisagem tanto como objecto de estudo como enquanto tema de projecto, uma vez que assume cada vez mais um papel activo na espacialização de programas sociais e culturais, programas esses que, num passado ainda recente, se encontravam sob a responsabilidade única dos actos e planeamento, o que remetia a reflexão em torno da contextualização das intervenções apenas para uma macro-escala.

Esta questão, embora no trabalho em causa se encontre direccionada para as paisagens cujo carácter é eminentemente urbano, relaciona-se com as preocupações que colocamos face às novas intervenções arquitectónicas que têm vindo a ser realizadas na região do Alto Douro Vinhateiro, ou seja, com a sua interferência face aos valores materiais e imateriais daquela região.

De facto, diversos autores demonstram a sua preocupação face à necessidade de conciliar a paisagem existente e o seu património cultural, integrando as novas solicitações económicas, sociais e culturais que permitem manter o carácter evolutivo do território, constituindo esta, até, uma das preocupações mais relevantes demonstradas pela comunidade científica no que respeita a este tema.

Por outro lado, das leituras efectuadas, concluímos que não só existe uma lacuna no que respeita à avaliação das consequências das novas intervenções arquitectónicas, mas, também, uma atitude pouco

atenta face ao contributo da investigação e da sistematização da informação recolhida sobre o património vernacular para a manutenção dos pressupostos identitários das paisagens culturais.

Deste contexto excluem-se, no entanto, importantes trabalhos como o já referido de Llano (1996) sobre a arquitectura popular na Galiza e de Báez Mezquita (1994) sobre a arquitectura popular de Sanabria, que realizam levantamentos e caracterizações tipológicas e morfológicas de base operativa, cujo intuito é precisamente documentar um património construído, ameaçado pela destruição, representativo de uma acção intuitiva do homem sobre o seu entorno natural.

Como já referimos Llano (1996), explicando o âmbito da sua investigação, refere precisamente o papel de contínua referência que este património deve assumir para aqueles que intervêm hoje sobre o território. Também do texto da Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial consta a advertência para a necessidade de ser realizado, com a máxima brevidade, um levantamento do património vernacular da região, premência justificada pelo risco de destruição a curto prazo deste legado construído.

Na realidade, muito se tem escrito sobre o Douro, designadamente sobre os antecedentes culturais que caracterizam este território vinícola e sobre as razões que justificaram a sua classificação como paisagem cultural evolutiva pela UNESCO, pelo que podemos afirmar ser esta uma região pormenorizadamente documentada.

Porém, sendo o contributo destes trabalhos de inegável valor para a compreensão do valor distintivo desta região no que respeita às suas arquitecturas, não colidem com a investigação que é objecto desta tese, uma vez que neles não se realiza uma análise pormenorizada e sistémica do património vernacular, com recurso a registos gráficos, nem tão pouco a sua classificação tipológica e morfológica.

## **BIBLIOGRAFIA**

BAEZ, Juan Manuel Báez Mezquita (1994). Arquitectura popular de Sanabria, asentamientos, morfologias y tipologias rurales. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos “Flórian de Ocampo”, Diputación de Zamora, Caja España.

BIANCHI AGUIAR, F.; DIAS, J. M.; ANDRESEN, T.; CURADO, M, J. et al. (2000). Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques

LLANO, Pedro de (1996). Arquitectura popular en Galicia, Razón e Construcción. Galiza: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, Comisión de Cultura

PALANG, Hannes; FRY, Gary (2003). Landscape Interfaces. Cultural Heritage in Changing Landscapes. Em Landscape Series (Netherlands).

RIBEIRO, Orlando (1993). Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Edições João Sá da Costa, Lda., 1993.

SOUSA, FERNANDO DE (2007). O Alto Douro. Da Demarcação Pombalina à Classificação de Património Mundial. Em População e Sociedade. (Porto), 13, 19-30

## **FONTES ELECTRÓNICAS**

CARDIELOS, João Paulo (2009). A construção de uma arquitectura da paisagem: a importância da relação, no projecto, entre as arquitecturas de detalhe e as escalas de intervenção e estruturação do território. Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Disponível <URL: [http://biblioteca.universia.net/html\\_bura/ficha/params/id/49340893.html](http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/49340893.html)> (consultado em 01/10)

UNESCO, United Nations Educational Scientific and Cultural Organization – Categorias e Critérios de selecção.

[http://www.unesco.pt/cgi-in/cultura/temas/cul\\_tema.php?t=14](http://www.unesco.pt/cgi-in/cultura/temas/cul_tema.php?t=14) (consultado em 08/10)